



ESTADUAL DA PARAÍBA  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**MARIA ALCILENE VITÓRIA BATISTA AIRES**

**A HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DOS  
PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL  
JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS EM SÃO JOÃO DO CARIRI-PB**

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

**MARIA ALCILENE VITÓRIA BATISTA AIRES**

**A HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DOS  
PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL  
JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS EM SÃO JOÃO DO CARIRI-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

**Orientador:** Professor Me. Marcelo Vieira da Nóbrega

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A298h Aires, Maria Alcilene Vitória Batista  
A homofobia no ambiente escolar na percepção dos  
professores de ensino fundamental e médio da Escola Jornalista  
José Leal Ramos em São João do Cariri - PB [manuscrito] : /  
Maria Alcilene Vitória Batista Aires. - 2014.  
34 p.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Educação Básica) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega,  
Departamento de Letras".

1. Escola, 2. Formação docente, 3. Homofobia. I. Título.  
21. ed. CDD 370.86

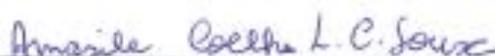
MARIA ALCILENE VITÓRIA BATISTA AIRES

**A HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DOS  
PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL  
DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS EM  
SÃO JOÃO DO CARIRI-PB: Um estudo de caso**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 19 / Julho / 2014.

  
Prof. Me. Marcelo Vieira Nóbrega / UEPB  
Orientador

  
Profa. Me. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa.

  
Profa. Me. Cléia Gurjão Carneiro.

Dedico essa conquista primeiramente a Deus. Ao meu pai (*in memoriam*), e a todos da minha família (especialmente a minha filha Bianca). E a todos os meus colegas e amigos de quem recebi apoio.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus pelas vezes em que tive meus pedidos atendidos, que não foram poucos esses pedidos.

Ao meu pai José Ribamar (*in memoriam*), pelo que foi em vida, exemplo de perseverança, simplicidade e dignidade, que procuro seguir sempre sua lição.

A minha mãe Maria Dasdores e irmãs Alcione e Alcimara, agradeço pelo apoio incondicional e torcida para que alcance todos os meus objetivos sempre.

A minha filha Bianca que tanto amo, pela compreensão nos meus momentos de ausência em sua vida.

A Valmir, meu esposo pelo apoio e carinho.

A todos os meus colegas e amigos que me incentivaram e me estimularam nessa fase de minha vida. O meu obrigada especial a professora LEDA CANTALICE.

Ao professor Marcelão, que em suas aulas passou mais que conteúdo, compartilhou saberes e experiências riquíssimas.

Aos meus colegas de turma pelo companheirismo e solidariedade.

E por fim aos meus alunos, a quem eu tento mostrar em minha prática pedagógica que o RESPEITO À DIFERENÇA, É QUEM FAZ A DIFERENÇA.

Obrigada a todas e todos!

“Pensa! O pensamento tem poder.  
Mas não adianta só pensar.  
Você também tem que dizer!  
Diz! Porque as palavras têm poder.  
Mas não adianta só dizer.  
Você também tem que fazer!  
Faz! Porque você só vai saber se o final vai ser feliz depois que tudo  
acontecer”.

**Gabriel Pensador**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a visão que os professores de Ensino Fundamental II e Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, em São João do Cariri PB, têm a respeito da homofobia ou discriminação aos alunos homossexuais, dentro da própria escola, além de identificar as principais dificuldades enfrentadas por esses professores para contemplar essa temática em sua prática docente. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado destinado aos/as professores/as da Escola já citada, a partir do qual constatamos que quase todos os/as professores/as que responderam às perguntas, ou seja, 94,5% dos docentes concordam que há preconceito contra os alunos que se assumem enquanto homossexuais. Os educadores salientam que não tiveram em sua formação docente nenhum contato com estudos sobre educação sexual e homofobia. Assim, a maioria destes/as não se sentem aptos/as a trabalharem essa temática no espaço educativo, podendo corroborar com a questão da exclusão escolar dos indivíduos considerados homossexuais.

**Palavras-chave:** Escola. Formação docente. Homofobia.

## **ABSTRACT**

The present study has as main aim to analyze the view that Elementary and High School teachers of the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, in São João do Cariri PB, have concerning homophobia or discrimination against homosexual students within the school itself. Moreover, to identify the main difficulties faced by these teachers to contemplate this topic in their teaching practice. For the data collection a semistructured questionnaire was used designed to the mentioned school's teachers, from which it was verified that nearly all the teachers who answered the questions, that is to say, 94,5% of the teachers agree that there is prejudice against students who admit to be homosexual. Educators stress that they did not have in their teaching training any acquaintance with studies on sexual education and homophobia. Thus, most of these do not find themselves able to work this topic in the educational context and it may corroborate with the issue of school exclusion of individuals considered homosexuals.

**Keywords:** School. Teacher training. Homophobia.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico A</b> - Nível de atuação dos professores .....	22
<b>Gráfico B</b> - Se estudou em sua formação escolar sobre Educação Sexual .....	23
<b>Gráfico C</b> - Se tem amigos, colegas ou parentes homossexuais .....	24
<b>Gráfico D</b> - Se considera importante que esse tema seja trabalhado na formação dos educadores .....	25
<b>Gráfico E</b> - Se concorda que alunos são vítimas do preconceito na escola .....	26
<b>Gráfico F</b> - Como se considera em relação à tolerância com a homossexualidade .....	27
<b>Gráfico G</b> - O silêncio do educador frente a essas questões legitima esse tipo de preconceito .....	28
<b>Gráfico H</b> - A escola e a família devem combater esse tipo de violência .....	29
<b>Gráfico I</b> - A questão da homofobia deve ser tratada em todas as áreas e todas as disciplinas .....	30
<b>Gráfico J</b> - Se considera homofóbico .....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 HOMOFOBIA E AS GARANTIAS CONSTITUCIONAIS</b> .....	12
<b>3 HOMOFOBIA NAS ESCOLAS: QUEM FALA SOBRE</b> .....	16
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	19
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	20
<b>5.1 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS E RESULTADO DA PESQUISA</b> .....	20
<b>5.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE</b> .....	22
5.2.1 Nível de atuação dos docentes entrevistados .....	22
5.2.2 Se estudou em sua formação escolar sobre Educação Sexual .....	22
5.2.3 Se tem amigos, colegas ou parentes que se assumem homossexuais .....	23
5.2.4 Se considera importante que esse tema seja trabalhado na formação dos educadores .....	24
5.2.5 Se concorda que alunos são vítimas são preconceito na escola .....	25
5.2.6 Se a resposta anterior for positiva, elencar quatro exemplos de tal situação .....	26
5.2.7 Como se considera em relação à tolerância com a homossexualidade .....	26
5.2.8 O silêncio do educador frente a essas questões legitima esse tipo de preconceito .....	27
5.2.9 A escola e a família devem combater esse tipo de violência .....	28
5.2.10 A questão da homofobia deve ser tratada em todas as áreas e todas as disciplinas .....	29
5.2.11 Se considera-se homo fóbico .....	30
5.2.12 Se a resposta anterior for positiva, em que nível .....	31
5.2.13 Se há homofobia na escola, cite sugestões que possam ser trabalhadas no sentido de minimizar tal problema.....	31
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b>	

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, percebemos dificuldades e falhas enfrentadas pelo sistema educacional brasileiro, mas percebemos também alguns avanços no sentido de fazer com que a Educação venha a lutar para desenvolver o seu papel frente às suas responsabilidades e compromissos sociais, que vão além da transmissão de saberes, e sim de atuar no sentido de formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Todavia, mesmo com os avanços e superação de alguns tabus que percebemos que vêm sendo quebrados a cada dia, como o acesso a escola por sujeitos de todas as classes sociais, tendo em vista que esta já foi ao longo da História um espaço restrito a elite, aos brancos, aos heterossexuais, enfim, aos grupos considerados “normais”, ainda vivenciamos a dificuldade de tratarmos em sala de aula de determinados assuntos como racismo, religião, homossexualidade, e outros, com naturalidade e clareza com os nossos alunos, fato esse que pode contribuir negativamente para o processo de formação de um cidadão que não reconheça o direito do “outro”. E quando a Escola deixa de contemplar temas como esses na formação de seus alunos, ela está fugindo da sua responsabilidade de contribuir para uma sociedade pautada no respeito à diversidade.

Sabemos que o tema Gênero e Sexualidade deve ser trabalhado em sala de aula, pois os PCNs contempla, mas sabemos também que esse documento norteador das ações na Educação Básica nem sempre é posto em prática pelo corpo docente de nossas instituições de ensino. Tendo em vista que o tema homossexualidade e homofobia ainda é gerador de muita polêmica, pelo fato de abordar uma nova concepção de família, de ter religiões que condenam práticas homossexuais, e muitos professores ainda estarem presos a valores muito arraigados de preconceito sentimos a necessidade de inclusão da orientação sexual no ambiente escolar, para que dessa forma possamos atuar no sentido de minimizar conflitos através de discussões esclarecedoras, ou seja, discussões que possam colaborar para a desconstrução de que um aluno que assuma uma orientação sexual seja visto como inferior, anormal, e que ele passe a ser visto e tratado como igual, em termos de direitos com o aluno heterossexual. No entanto para que isso efetivamente aconteça faz-se necessário que os profissionais da educação busquem capacitar-se para bem conduzir debates e problematizações referentes ao tema homossexualidade e dessa maneira possa usar a sua prática pedagógica no sentido de coibir a homofobia.

O presente trabalho é fruto de uma preocupação que tenho enquanto educadora em buscar entender como os professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio da Escola

Estadual Jornalista José Leal Ramos em São João do Cariri, percebem as questões relativas à homossexualidade e homofobia no ambiente escolar. Buscando identificar se: há casos de discriminação a alunos que assumem uma opção homossexual por parte dos alunos heterossexuais? Que tipo de discriminação os educadores percebem que esses alunos são vítimas? E como o corpo docente se comporta frente a essa realidade, ou seja, como o tema homossexualidade/ homofobia é trabalhado no sentido de identificar e atuar buscando minimizar, ou erradicar práticas homo fóbicas?

Parto do pressuposto de que, com base em Junqueira (2009), dentro da escola, a homossexualidade não é discutida e, porque se evita falar, explicar, não se apresenta no currículo das instituições e nem nos livros didáticos. Em muitos casos porque os/as professores/as não têm uma adequada formação relacionada à educação sexual. Em outros casos porque silenciam e se negam por medo do comprometimento com essa temática, porque pensam que essa seja muito complexa e que deve ser trabalhada somente pela família, ou muitas vezes essa dificuldade em abordar tal tema se dar baseados em princípios morais e/ou religiosos que difere dos seus.

Levando em consideração o caráter de diversidade das opiniões relacionadas ao tema, foi desenvolvido uma pesquisa qualitativa e estudo de caso, na qual a coleta de dados se deu através de um questionário com perguntas semiestruturadas que foi aplicado com 18 dos 23 professores/as, que lecionam na escola Jornalista José Leal Ramos.

## 2 HOMOFOBIA E AS GARANTIAS CONSTITUCIONAIS

Sabemos que todas as leis e normas que regem os fatos ou as situações legais no nosso país são amparadas na Constituição Federal Brasileira que traz em seu artigo 3º: “*promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*”, (Constituição Federal, 1988). Ainda no Brasil, a educação inclusiva está amparada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que assegura o direito à escola a todas as pessoas (brasileiras ou estrangeiras residentes no País), sem discriminar negativamente singularidades ou características específicas de indivíduos ou grupos humanos.

Mas com relação ao tratamento destinado aqueles alunos que assumem uma orientação homossexual, ainda vemos muitas vezes uma forma de tratamento carregada de preconceitos e estereótipos por parte dos heterossexuais o que demonstra ainda nos dias atuais um distanciamento entre o que diz as leis, ou seja, as garantias de igualdade que lhe são asseguradas e o cumprimento das mesmas, e a principal consequência disso é o aumento significativo da violência em nossos educandários, seja essa física ou psíquica, que vitima cidadãos e os expõe a situações que afetam diretamente a sua moral, por serem expostos muitas vezes a piadas e insultos, o que gera constrangimento e exclusão.

Segundo Dinis (2011), no ambiente escolar a homofobia se expressa por meio de agressões verbais e/ou físicas a que estão sujeitos estudantes que resistem a se adequar à *heteronormatividade*, conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante. Nesse sentido, o setor educacional, quando é conivente com esse tipo de situação que promove a exclusão social, e silencia diante de tais fatos, está fugindo do que diz a Constituição Federal de 1988, que dar essa garantia de direitos a esses sujeitos.

O Plano Nacional de Educação (PNE), do ano 2001 (Lei nº 10.172), que representa um instrumento de fundamental relevância no sentido da garantia de uma educação inclusiva de qualidade, na análise de (VIANNA e UMBEHAUM, 2004), [...] deixou a desejar no sentido do tratamento dado aos temas relativos a gênero e orientação sexual, não levando em consideração o contexto de significativos debates sobre as desigualdades de gênero na época e a necessidade de superá-las (VIANNA e UMBEHAUM, 2004), ou seja, o PNE manteve silêncio em torno da questão de diversidade de orientação afetivo-sexual voltada para os direitos de gays, lésbicas, etc.

Mas quando pensamos a Escola, imaginamos uma instituição social responsável pela formação de cidadãos que reconheçam serem sujeitos que estão inseridos historicamente e culturalmente em um meio que se apresenta de forma bastante diversa, e nos chocamos em perceber que muitas vezes determinadas questões ou assuntos não são tratados da forma que pede as orientações curriculares, ou seja, que levem em consideração o caráter de diversidade que se apresenta dentro das escolas, e a questão da diversidade sexual que compõe esse espaço escolar e que implica no reconhecimento dos direitos humanos e civis de grupos como o dos homossexuais, que são considerados como “minorias”, diversas vezes não são contemplados.

Nesse sentido, quando refletimos sobre as questões relacionadas à sexualidade ou diversidade sexual na Escola, deveríamos estar pensando em um espaço privilegiado de discussão e aprendizado e um Currículo que levasse em conta a Alteridade, ou seja, um currículo que contemplasse esse tema assim como outros tópicos como transversais de forma que todas as áreas reconheçam como essenciais tais discussões e que esse reconhecimento à diversidade os leve a trabalhar essa temática inserida em conteúdos de diversas disciplinas, afinal:

Essa presença da sexualidade [na escola] independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1997, p. 81).

Na área da educação, a implementação de ações com vistas à promoção da equidade de gênero, identidade de gênero e orientação sexual e ao enfrentamento ao sexíssimo e à homofobia, encontra respaldo nas propostas de ações governamentais relativas à educação, conscientização e mobilização contidas no Programa Nacional de Direitos Humanos II (de 2002), no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), Programa Brasil sem Homofobia (2004) e Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006) gestados a partir de lutas e transformações que receberam maior impulso desde a promulgação da Constituição Federal de 1988. O PNDH II, elaborado em 2001 para ser implementado a partir de 2002, destaca, na seção destinada à garantia do direito à liberdade, os direitos a liberdade de expressão, de crença e culto e de orientação sexual e propõe, entre outras medidas, apoiar emenda à Constituição Federal que inclua a garantia do direito à livre orientação sexual.

Dessa forma, entendemos que são garantidos aos alunos que têm uma orientação homossexual os mesmos direitos de quem tenha outra orientação, mas no dia a dia e nas

nossas escolas a realidade que percebemos é de discriminação, desrespeito e exclusão o que faz com que cheguemos a conclusão de que há algum problema com relação a eficácia de nosso sistema de leis, o que para Louro:

É intolerável conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos, jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque seu modo de ser homem ou de ser mulher, suas formas de expressar seus desejos e prazeres não correspondem àquelas nomeadas como "normais" (LOURO, 2007).

O fato de alguém sofrer preconceitos por defender uma orientação homossexual deixa claro que ainda é muito forte no pensamento, nas atitudes e nas práticas dos sujeitos históricos o princípio da heteronormatividade, que coloca a opção heterossexual como sendo a norma padrão e classifica a opção homossexual como sendo a incomum, inferior, este que fere o que ratifica a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que declara que independentemente de origem, crenças, raça, classe social, idade ou orientação sexual, somos todos seres humanos e, portanto, dotados de direitos e deveres iguais e que devemos ter respeitadas as nossas diferenças, históricas, culturais e sociais. Mas, se a própria escola que deve assumir essa função de multiplicar esses saberes, muitas vezes se omite a divulgar, e trabalhar na perspectiva de combater esse tipo de violência, ela está deixando de colaborar para um processo de escolarização pautado no respeito à diferença e que tenha como fundamento básico a valorização da diversidade, em busca de uma prática pedagógica que vise a inclusão dos indivíduos com igualdade de tratamento e oportunidades. Porém para que essa realidade seja modificada torna-se necessário um repensar do currículo, como diz Tomaz Tadeu da Silva (1996), “que descolonizemos o currículo”.

Vale ressaltar que não é só o currículo da Educação Básica que deixa passar despercebido esse conteúdo. Grande parte dos professores passam por suas formações sem estudar sobre Educação Sexual. Dessa forma entendemos que esse outro fator colabora para que essa realidade de discriminação aos alunos homossexuais, ou a opção de não trabalhar em sala de aula temas como esse, se dê nas escolas, pois os nossos professores não se sentem preparados para conduzir debates e discussões considerados tão polêmicos, sem esquecer que muitos deles ainda se sentem muito presos a princípios religiosos que condenam a homossexualidade.

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006), assinado pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, parte da concepção de que a educação em direitos humanos se faz paralelamente à educação para a valorização da

diversidade. Elaborado pelo Comitê Nacional de Educação e Direitos Humanos por meio de diversas estratégias, entre elas consulta à sociedade civil, o Plano define como uma de suas ações programáticas para a Educação Básica:

[...] fomentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos (as) trabalhadores (as) da educação para lidar criticamente com esses temas (BRASIL/CNDH/MEC, 2006, p. 24).

E para a Educação Superior:

[...] desenvolver políticas estratégicas de ação afirmativa que possibilitem a inclusão, o acesso e a permanência de pessoas com deficiências, segmentos geracionais e étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual e religiosa, dentre outros, nas IES (BRASIL/CNDH/MEC, 2006, p. 29).

Porém a Escola deve estar atenta para o uso de um instrumento que deve estar presente no contexto educacional como princípio norteador dos temas transversais que devem ser inseridos em todas as disciplinas que são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e que os educadores possam adotar posturas e políticas que os faça perceberem algo que Guacira Lopes Louro (2002,p.237), chama a atenção:

O grande desafio para as estudiosas não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2002, p.237).

### 3 HOMOFOBIA NAS ESCOLAS: QUEM FALA SOBRE

As discussões acerca do tema homossexualidade e homofobia nos remete a formulação de um entendimento sobre “sexualidade”, que para o filósofo francês Michel Foucault (1988, p.168), “a noção de “sexo” permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres; e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal”.

Ainda para Foucault (1988), o discurso sobre o sexo articula “poder e saber” em uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável, existindo multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes, podendo haver deslocamentos e reutilizações de fórmulas idênticas para objetivos opostos. Em um jogo complexo, o discurso pode ser ao mesmo tempo instrumento e efeito de poder e levando em consideração a polêmica do tema, convencionou-se que algo sobre ele não pode ser dito o que para Foucault, mais importante do que atentar para o que pode ser dito e o que não pode, é perceber como são distribuídos os que podem e os que não se podem falar. Os discursos sobre o sexo são múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder.

Estabelecendo uma relação do que diz o autor com a situação vivida em nossos estabelecimentos de ensino na contemporaneidade, no que diz respeito à forma de tratamento aos alunos homossexuais percebemos que a escola age no sentido de impor os princípios heteronormativos, norma que toma a sexualidade hetero como universal, e a homossexualidade como sendo norma de desvio, patológico.

De acordo com Dinis (2011), esse cenário de exclusão de alunos na escola apela para que o tema da diversidade sexual e de gênero seja incluído no currículo de formação de novas professoras e professores para que possam futuramente desenvolver estratégias de resistência ao currículo heteronormativo. A omissão e o silenciamento significam pactuar com a violência exercida contra estudantes gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. A escola deve ser acima de tudo um espaço de formação de cidadania e de respeito aos direitos humanos, assim as (os) docentes devem ser encorajados a assumir sua responsabilidade no combate a todas as formas de preconceitos e discriminação que permeiam o espaço escolar. Guacira Louro (2000, p.30), nos lembra que:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um

indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 2000, p. 30).

Porém a escola deve procurar exercer o seu papel em sua completude no sentido de chamar os membros que a compõem a refletir sobre essa prática do ignorar, afinal segundo Junqueira (2009), teríamos que nos perguntar, como nós que clamamos por justiça, pelo fim de preconceitos e violência, estamos mesmo sem saber, envolvidos com aquilo contra o que procuramos lutar. Devemos estar atentos para a desconstrução da figura da escola como um conjunto de valores e normas que reduzem a figura do “outro”, ao “inferior”. E trabalhar no sentido de construir uma escola que não esteja permeada de opressão, de discriminação e que configura um espaço onde existe um preocupante quadro de violência ao qual estão submetidos jovens e adultos homossexuais. Na escola, mas não apenas ali.

Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade (LOURO, 1999, p. 29).

Dessa forma podemos concluir que a indiferença a esses alunos ou à discussão desse tema gera mais do que uma mera indiferença, produto de uma difusa negligência. O que se vê aqui assume mais os contornos de uma vedação à manifestação de simpatia ou solidariedade. Uma proibição socialmente sancionada que, dentre outras coisas, contribui para fortalecer os processos de internalização da homofobia. Uma vez introjetada, tais atitudes podem conduzir a pessoa a se sentir envergonhada, culpada e até merecedora da agressão sofrida, mantendo-a imobilizada, em silêncio, entregue a seu destino de pária social. À violência propriamente dita soma-se a “violência simbólica”, fazendo com que a própria vítima contribua para a legitimação da agressão e favoreça o agressor e os seus difusos cúmplices. Nesse sentido a atuação dos educadores deve se dar de maneira a não legitimar nos agressores esse tipo de atitude, ou seja, o professor não pode se manter alheio a tal fato.

Desse modo, é indispensável medidas que visem oferecer aos profissionais da Educação, diretrizes consistentes que favoreçam à inclusão de temas como esse na formação inicial e continuada dos professores, bem como divulgar conhecimentos acerca da homofobia, com o objetivo principal de desestabilizá-la, e desse maneira poder contribuir para uma sociedade mais democrática, onde o direito do outro possa ser respeitado. O que para Junqueira (2009),

Na escola, o trabalho voltado a problematizar e a subverter a homofobia (e outras concepções preconceituosas e práticas discriminatórias) requer, entre outras coisas, pedagogias, posturas e arranjos institucionais eficazes para abalarem estruturas e mecanismos de (re) produção das desigualdades e das relações de forças. E mais: que também permitam a busca por alternativas às estratégias de invenção e fomento de vínculos identitários pautados por vitimismos, ressentimentos e ódios (JUNQUEIRA, 2009).

Nesse sentido, mais uma vez ressaltamos o papel da Educação no sentido de ser responsável por construir novos padrões de aprendizado e convivência pautados no combate à homofobia e outros tipos de preconceito que se apresentam como “força desumanizadora” que compromete os princípios da democracia e do pluralismo.

#### 4. METODOLOGIA

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa realizada na Escola Estadual Jornalista José Leal Ramos em São João do Cariri- PB, esta envolveu a leitura de autores que discutem questões referentes à homossexualidade e homofobia no ambiente escolar e envolveu também a aplicação de um questionário com questões semiestruturadas que foi aplicado com 18 dos 23 professores que fazem parte do Ensino Fundamental II e Ensino Médio da referida escola.

Essa forma de pesquisa foi escolhida devido à temática provocar receio em algumas pessoas, e muitos/as professores/as não se sentirem à vontade em falar da mesma. A importância de se utilizar esta técnica, é que ela não necessita que o/a pesquisador/a esteja junto do/a pesquisado/a para que este/a escreva suas respostas, sendo assim essa tende a ser mais bem aceita por quem responde.

Após a coleta de dados os mesmos foram cuidadosamente analisados com a atenção de não deixar passar despercebidos nenhum detalhe, e a sistematização dessas informações se deram com base em Bardin (2007) que aponta que todos os resultados devem ser tratados de maneira a serem significativos e válidos, o que torna necessário um processo de revisão dos mesmos quando necessário.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 5.1. DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS E RESULTADO DA PESQUISA

A pesquisa a seguir descrita foi realizada com 18 dos 23 professores da Escola Estadual Jornalista José Leal Ramos, sobre o tema: “A homofobia no ambiente escolar na percepção dos professores de ensino fundamental e médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos em São João do Cariri-PB”. Do total 5 professores não responderam ao questionário. Como o tema é muito polêmico, foi salvaguardado os nomes dos entrevistados para maior autenticidade das respostas, buscando garantir ainda mais a integridade e o sigilo dos dados.

A seguir o quadro traz as principais características dos participantes da pesquisa, (Idade, Sexo, Graduação, Tempo de atuação no magistério, disciplina que leciona e opção sexual). Essa identificação corresponde aos 23 professores que se dispuseram a participar da pesquisa. Na lacuna que for preenchida com (N. R), é porque o participante não respondeu a pergunta.

**Quadro 1:** Descrição dos sujeitos da pesquisa

Idade	Sexo	Graduação	Tempo de Magistério	Disciplina que Leciona	Opção Sexual
37	M	Física	7 ANOS	Física, Química e Ciências	Heterossexual
25	M	Geografia	3 ANOS	Geografia	Heterossexual
54	F	História	19 ANOS	História	Heterossexual
26	F	Letras	3 ANOS	Espanhol	Heterossexual
38	M	Matemática	15 ANOS	Matemática	Heterossexual
26	F	Letras	6 ANOS	Português	Heterossexual
54	M	Matemática	25 ANOS	Matemática	Heterossexual
49	F	Matemática	14 ANOS	Matemática	Heterossexual
27	M	Filosofia	5 ANOS	Filosofia Religião	Heterossexual
38	M	Matemática	15 ANOS	Matemática	Heterossexual
23	M	C. Biológicas	1 ANO	Ciências e Biologia	Heterossexual
59	M	Geografia	28 ANOS	Geografia	Heterossexual
19	M	Letras	6 MÊSES	Inglês	Heterossexual
27	M	Geografia	5 ANOS	Geografia	Heterossexual
51	F	Pedagogia	28 ANOS	Artes	Heterossexual
32	M	Letras	8 ANOS	Português	Heterossexual
39	F	Educação Física	13 ANOS	Educação Física	N.R
25	F	Ciências Biológicas	3 ANOS	Ciências e Biologia	Heterossexual

De acordo com o exposto no quadro, verificamos que os questionários foram respondidos por professores de ambos os sexos: sendo 11 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, dividindo-se de acordo com a seguinte faixa etária: De 20 a 29 anos: 8 professores; de 30 a 39 anos: 5 professores; de 40 a 49 anos: 1 professor; e de 50 a 60 anos 4 professores. Com relação à disciplina que ministram, apuramos que 4 lecionam Matemática, 3 Geografia, 2 Português, 2 Ciências e Biologia, 1 História, 1 Filosofia e Ensino Religioso, 1 Física, 1 Espanhol, 1 Educação Física, 1 Inglês, e 1 Artes. Quanto aos não respondentes do questionário assim se dividiram: um de História, um de Química, um de Inglês e dois de Educação Física. Com base na referência de Análises de conteúdo de Laurence Bardin (2007), que configura a mesma como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, será feita a especificação das respostas de acordo com categorias, ou seja, cada questão corresponderá a uma categoria. Essa subdivisão corresponderá as seguintes categorias:

- a) Nível de ensino em que atua (leciona);
- b) Se estudou em sua formação escolar sobre Educação Sexual, comente;
- c) Se tem amigos, colegas ou parentes que se assumem homossexuais;
- d) Se considera importante que esse tema seja trabalhado na formação dos educadores, comente;
- e) Se concorda que alunos são vítimas são preconceito na escola;
- f) Se a resposta anterior for positiva, elenque quatro exemplos de tal situação;
- g) Como se considera em relação à tolerância com a homossexualidade;
- h) O silêncio do educador frente a essas questões legitima esse tipo de preconceito, comente;
- i) A escola e a família devem combater esse tipo de violência;
- j) A questão da homofobia deve ser tratada em todas as áreas e todas as disciplinas, comente;
- k) Se considera-se homo fóbico;
- l) Se a resposta anterior for positiva, em que nível;
- m) Se há homofobia na escola, cite sugestões que possam ser trabalhadas no sentido de minimizar tal problema;

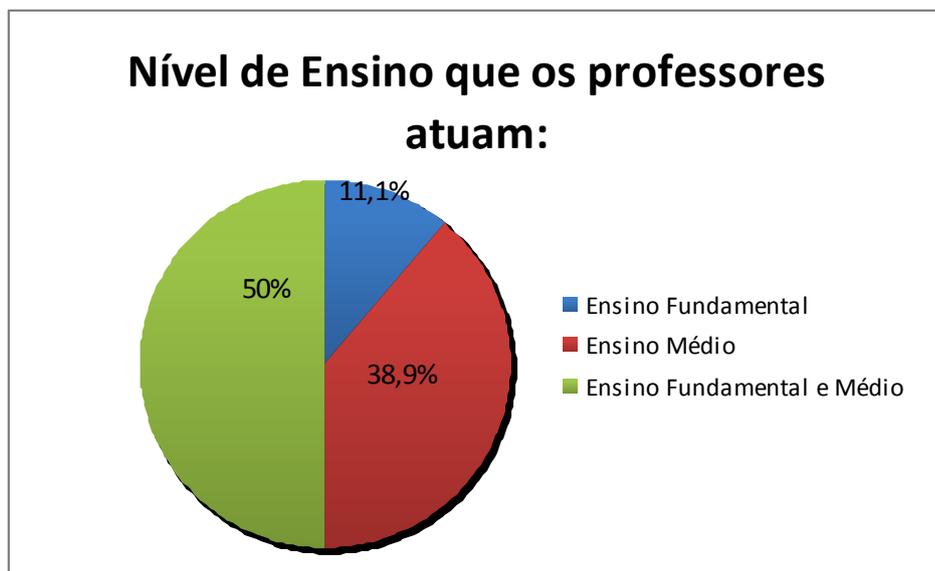
## 5.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE

### 5.2.1 Nível de atuação dos docentes entrevistados

Na distribuição por nível de ensino, 11,1% dos professores que responderam o questionário atuam no Ensino Fundamental II, 38,9%, atuam no Ensino médio e quem leciona simultaneamente nos dois corresponde a 50,0%.

O gráfico que segue mostra essa divisão, vale salientar que do total de 18 professores que responderam ao questionário; 11 são do sexo masculino e apenas 7 são representantes do sexo feminino.

**Gráfico A** - Nível de atuação dos professores



### 5.2.2 Se estudou em sua formação escolar sobre Educação Sexual

Esse questionamento foi feito aos educadores com a intenção de identificarmos se no período de formação pelo qual passaram na academia, estudaram sobre Educação Sexual, tendo em vista que esse é um dos temas transversais, e que deve ser contemplado no currículo da escola básica.

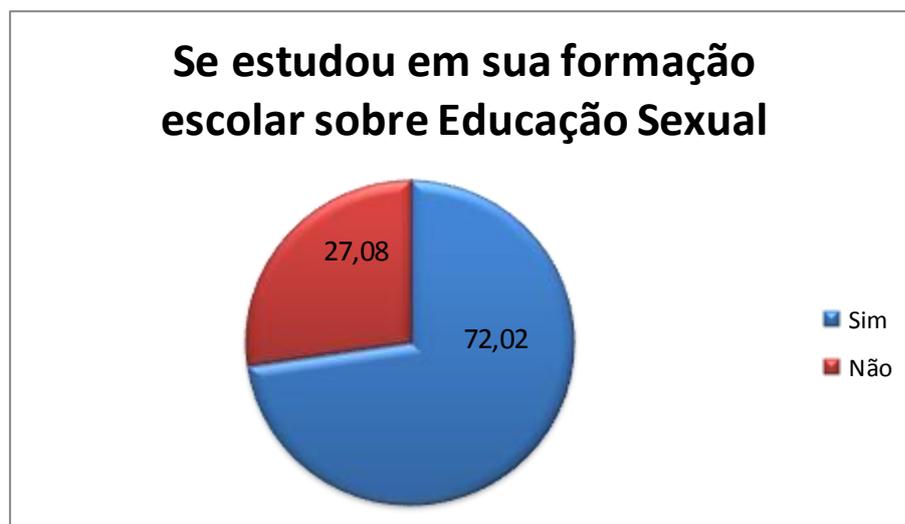
Do total de professores que responderam ao questionário, 27,08% disseram que estudaram sobre o tema, porém raramente; e 72,2% disseram que nunca estudaram esse tema na sua formação. Os professores que responderam “**Não**”, acrescentaram que o tema hoje em dia é mais bem definido por causa da legislação, ou seja, há uma cobrança maior no sentido

de se trabalhar em todas as Áreas. Alguns professores reforçam que as graduações não preparam para esse tema homossexualidade/homofobia. Outros disseram que esse ainda é um tema polêmico, e outros não quiseram comentar a sua resposta.

Conforme aponta Junqueira (2009), muitas perguntas aparecem quando o assunto homossexualidade é destinado aos/às professores/as, porque eles/as não contam com diretrizes adequadas sobre essa temática, por isso não sabem como lidar com diferentes situações relacionadas às dificuldades encontradas por homossexuais dentro das salas de aulas.

Dessa forma podemos perceber o desencontro que há no sentido de se admitir que as leis cobram que os professores incluam esse tema em sala de aula, enquanto tema transversal que é, mas grande parte dos nossos professores não contemplam tais discussões em sua prática pedagógica, pois não se sentem seguros em falar sobre o assunto e ainda admitem que as formações pelas quais eles passam também não contemplam tais discussões. É o que podemos comprovar no gráfico abaixo:

**Gráfico B - Se estudou em sua formação escolar sobre Educação Sexual**



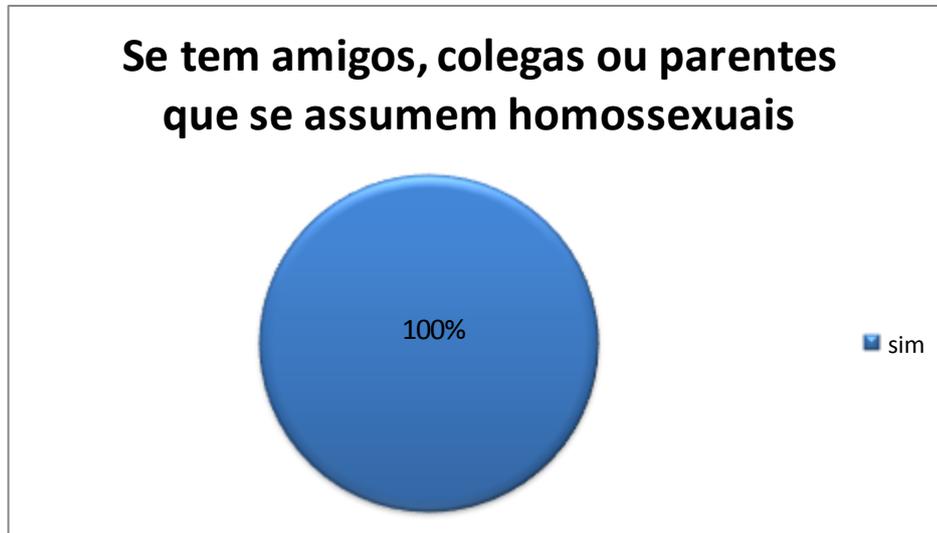
### 5.2.3 Se tem amigos, colegas ou parentes que se assumem homossexuais.

A resposta para essa questão obteve unanimidade, ou seja, 100% dos professores assumiram que se relacionam com pessoas homossexuais, sendo esses amigos, colegas ou parentes.

É interessante perceber que os professores não demonstram ter dificuldades em relacionar-se com pessoas homossexuais, mas os mesmos não se sentem aptos a trabalharem

as questões relativas a Gênero, (homo)Sexualidade e homofobia. Talvez isso retrate e reforce a ideia da falta de embasamento teórico que lhes falta em suas formações.

**Gráfico C** - Se tem amigos, colegas ou parentes homossexuais



#### **5.2.4 Se considera importante que esse tema seja trabalhado na formação dos educadores**

Quanto à necessidade e importância de o tema ser uma constante nas formações dos educadores, 94,5% disseram que SIM e apenas 01 educador/a não respondeu, considerando este com um percentual de 5,5%.

Alguns professores comentaram a sua resposta, outros não. Dos que teceram comentários, 10 educadores acham que devem conhecer com mais profundidade o tema para melhor lidar com as diferenças; 03 acham que é um tema que se já se constitui do marco legal, PCNs, etc.; 03 acham que já faz parte do cotidiano dos educadores; 05 ressaltam que deve ser um trabalho contínuo, pois o tema é muito polêmico. Tal fato demonstra a carência que os nossos educadores sentem em termos de acompanhamentos.

Em consequência disso, verificamos que se torna quase impossível que esses profissionais possam tratar de sexualidade adequadamente, conseguindo esclarecer dúvidas e até mesmo contribuir com o fim do preconceito em sala de aula, pela falta de uma adequada formação docente em seus cursos de graduação ou pós-graduação, enfatizando os temas de gênero e diversidade sexual.

Entretanto os PCN (BRASIL, 1997) afirmam que a família não trata da sexualidade com seus/suas filhos/as por diversos motivos, ficando assim o espaço educativo responsável a realizar tal atividade, tendo em vista que a escola tem por dever educar os indivíduos e tratar de todas as temáticas, referente à vida desses, sempre visando o esclarecimento e a quebra de tabus e medos. O gráfico a seguir mostra através das respostas dos docentes no sentido de demonstrar a necessidade que estes sentem de receber formação sobre essa temática.

**Gráfico D** - Se considera importante que esse tema seja trabalhado na formação dos educadores.



### 5.2.5 Se concorda que alunos são vítimas do preconceito na escola.

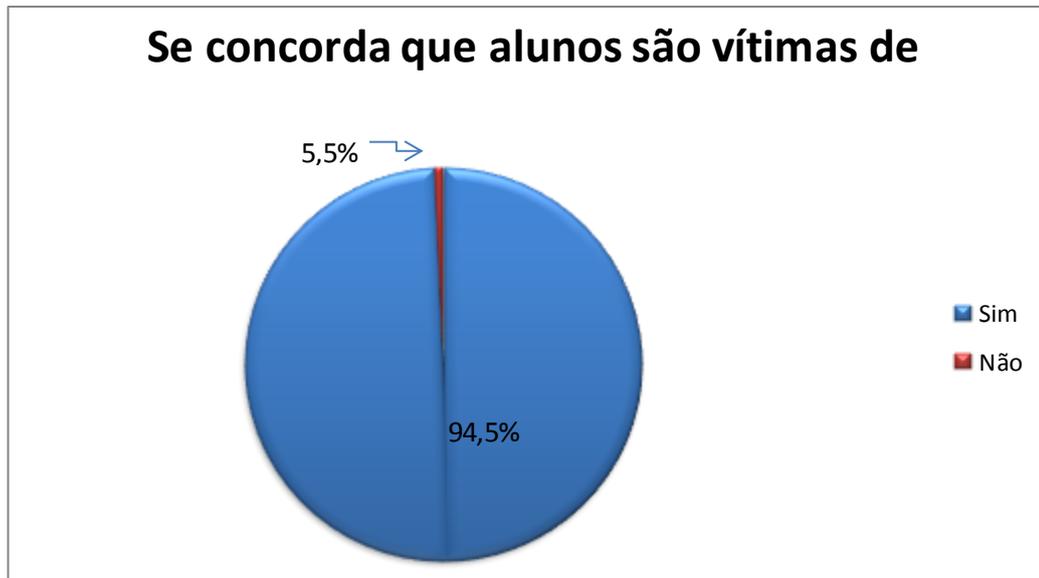
Buscamos com essa pergunta identificarmos através da resposta do docente, se estes percebem se os/as alunos/as que são assumidos/as homossexuais sofrem algum tipo de discriminação por parte dos colegas no ambiente escolar.

E quanto à existência desse tipo de preconceito sofrido pelos alunos, 94,5% salientaram que existe, sim, na Escola este tipo de problema. Apenas 01 educador, que representa 5,5% do total de profissionais, discorda e diz que não existe na Escola tal tipo de preconceito.

Vale ressaltar que essa questão responde ao principal objetivo desse trabalho, que é identificar através da opinião dos educadores, se há alunos que são vítimas desse tipo de preconceito dentro da escola. E de forma quase unânime pudemos comprovar que existem si alunos inseridos em um contexto propício à homofobia, que Junqueira (2009) denomina de

um conjunto de emoções negativas, tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo em relação a homossexuais. O gráfico seguinte foi baseado nas respostas dos professores que participaram da pesquisa.

**Gráfico E:** Se concorda que alunos são vítimas são preconceito na escola



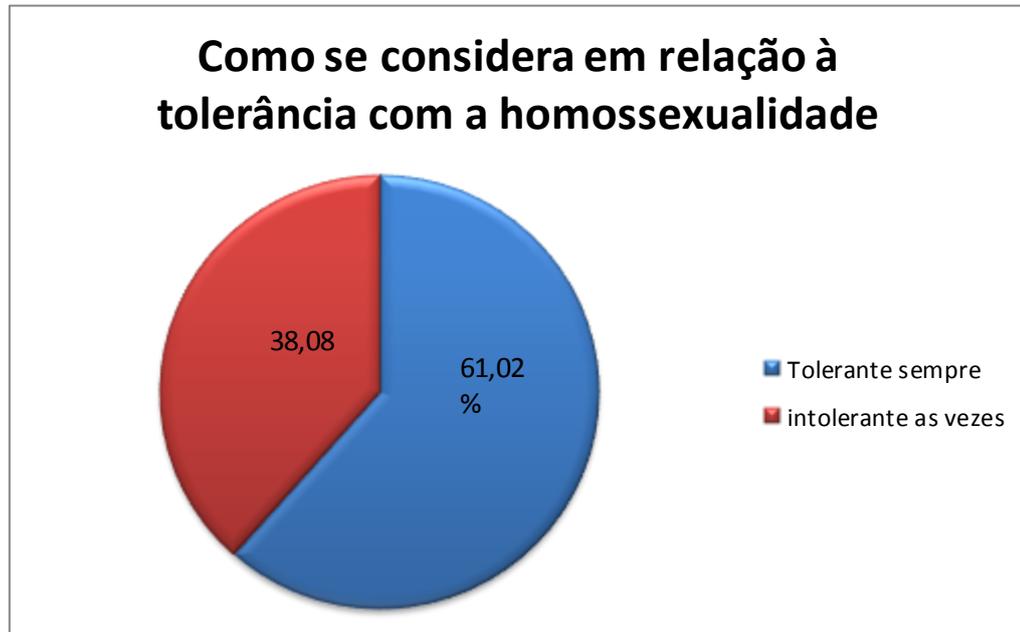
### 5.2.6 Se a resposta anterior for positiva, elencar quatro exemplos de tal situação

De acordo com o que foi solicitado no questionário, os educadores elencaram vários exemplos de preconceitos percebidos por eles no seu dia a dia na escola, dentre eles: Bullying é o que mais se destaca; Insultos e apelidos; Comentários depreciativos; Agressões.

Obs.: Alguns professores não responderam ao comentário dessa pergunta.

### 5.2.7 Como se considera em relação à tolerância com a homossexualidade

Quanto à tolerância do/a educador/a frente às relações homossexuais, 61,2% consideram-se “tolerantes” e 38,9% consideram-se “intolerantes às vezes”, nenhum professor declarou-se “intolerante sempre”.

**Gráfico F:** Como se considera em relação à tolerância com a homossexualidade

### 5.2.8 O silêncio do educador frente a essas questões legitima esse tipo de preconceito

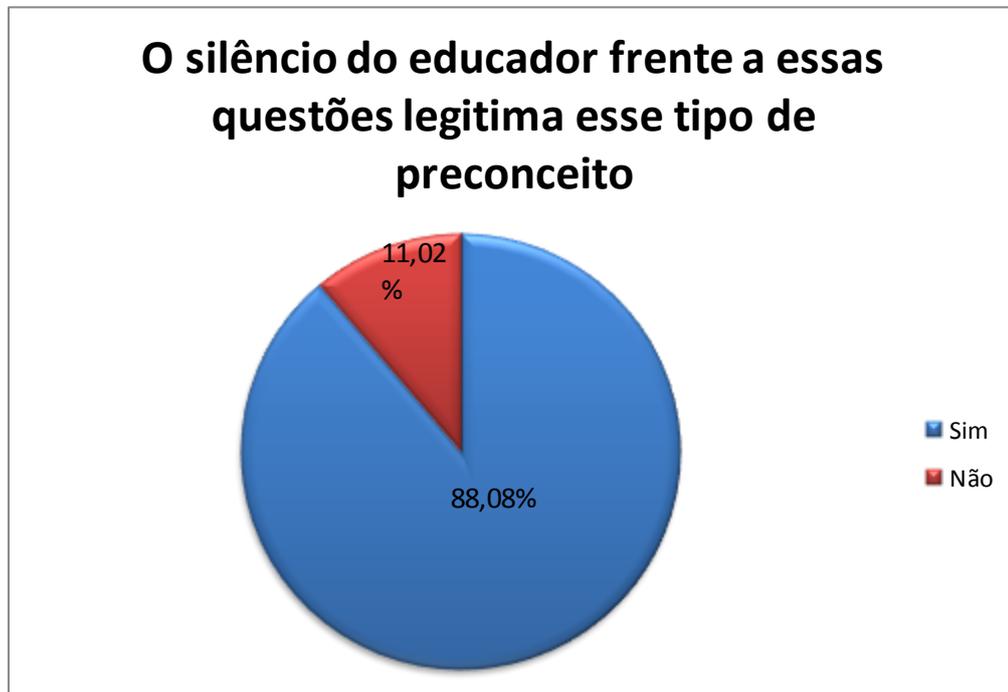
Quanto ao silêncio dos/as educadores/as diante de ofensas, insultos e outras formas de conteúdos homofóbicos, 88,8% acham que esse tipo de comportamento adotado por educadores legitima ainda mais as práticas abusivas contra esses sujeitos; 11,2% dos/as entrevistados/as acham que não”. Dos professores que fizeram comentários sobre essas respostas, o quadro a seguir descreve as respostas dadas.

**Quadro 2:** Opinião dos professores para categoria 4.1.8

Quantidade de professores	Descrição da justificativa de sua resposta
04	Acham que devem manter uma postura antihomofóbica.
04	Acham que os/as educadores (as) devem conhecer o marco legal que trata dos temas transversais na educação e também tomar conhecimento da Rede de Atendimento Local para garantias de direito.
04	Salientam que é obrigação do/a educador/a promover à formação cidadã dos jovens.
03	Acham que o silêncio do/a educador/a significa sua convivência com os agressores.
01	Diz que a homofobia acontece fora da Escola.
02	Não responderam.

Sobre essa questão, Abramovay e Rua (2003), apontam que a escola atual configura-se um local de discriminação e preconceito, e muitos/as professores/as silenciam-se diante à discriminação e até colaboram ativamente na reprodução dessa violência. Para que a escola venha a ser um local que preze pelo respeito à diversidade, surge essa necessidade de novas problematizações e novos conhecimentos que sejam mediados pelo professor, tendo em vista que a escola com o passar do tempo se tornou um espaço privilegiado de conflitos e estranhamentos, pois nesse espaço se agrupam pessoas com diferentes etnias, religião e gênero. O gráfico seguinte foi baseado nessa questão.

**Gráfico G:** O silêncio do educador frente a essas questões legitima esse tipo de preconceito.



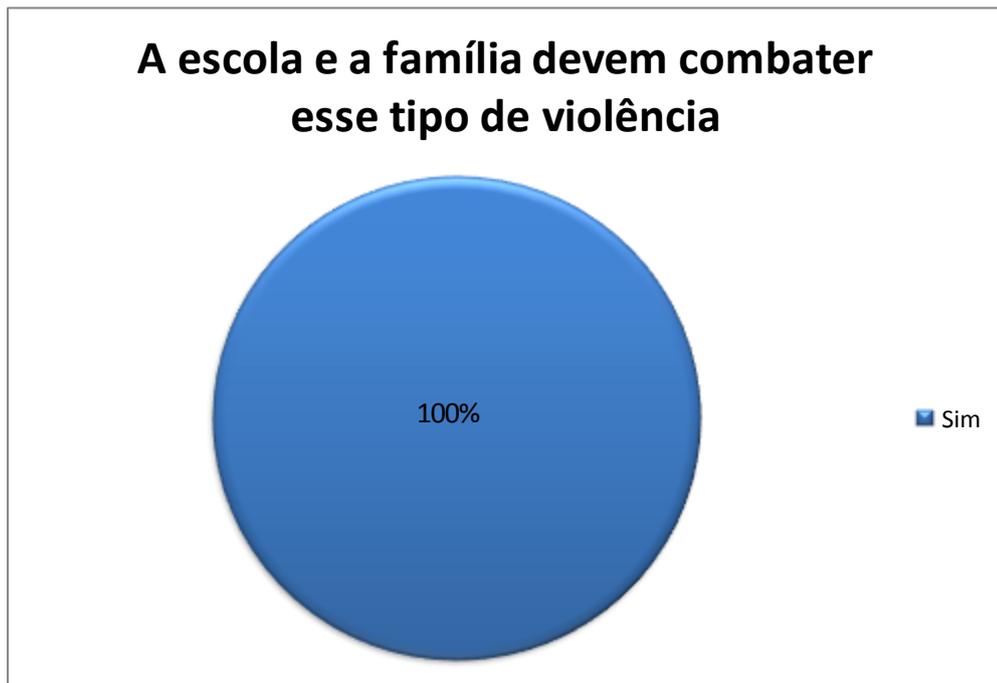
### 5.2.9 A escola e a família devem combater esse tipo de violência

Foram 100% de concordância de que a Escola e a Família devem combater qualquer tipo de discriminação. Porém vale ressaltar que assim como a escola encontra-se com problema em bem orientar os alunos no sentido de coibir essa prática de violência, a instituição família muitas vezes também não se encontra preparada para esse trabalho, o que reforça a importância do papel do professor e da escola nesse sentido.

Como enfatizam os PCN (BRASIL, 1997), a escola necessita ter uma visão que integre as experiências que os/as alunos/as vivenciam dentro e fora desse, para tanto este local

tem que desenvolver no alunado o prazer pelo conhecimento, para isso deve reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade que deve visar à liberdade, que esteja ligada à vida, à saúde e ainda ao prazer e ao bem-estar, ou seja, que englobe as diversas dimensões do ser humano.

**Gráfico H:** A escola e a família devem combater esse tipo de violência



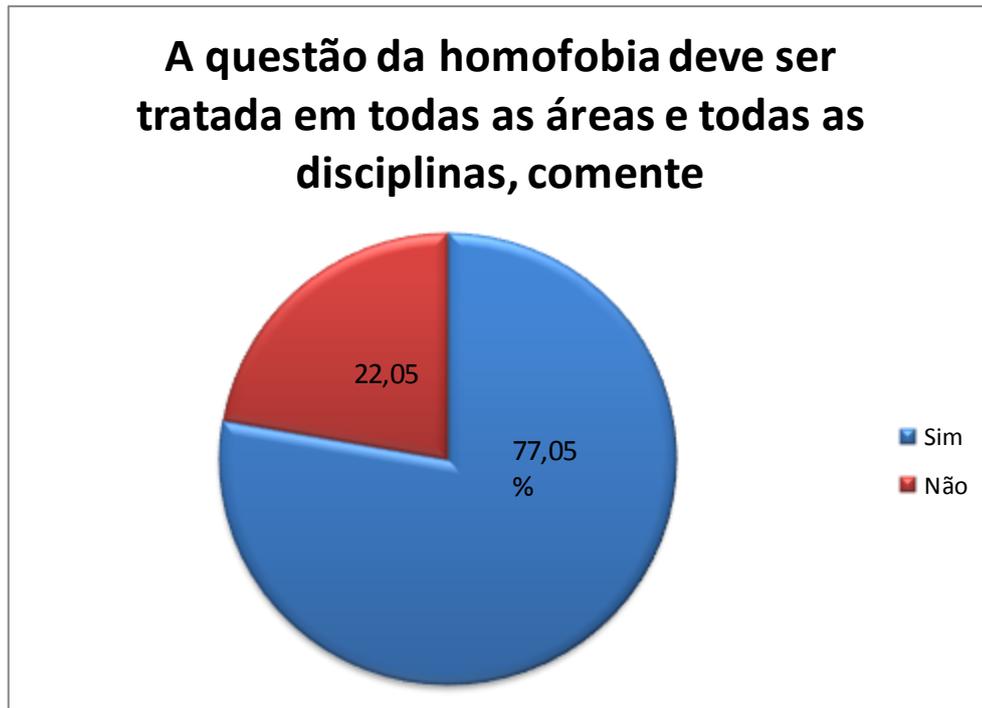
### 5.2.10 A questão da homofobia deve ser tratada em todas as áreas e todas as disciplinas

A maioria dos/as educadores/as, ou seja, 77,5% acham que a homofobia é um tema contemplado na interdisciplinaridade, portanto debatido por todos independente da sua área de ensino; 22,5% , desculpam-se dizendo que não tem a formação adequada para a complexidade do tema mas reconhecem que a Escola têm que ver o jovem integralmente, ou seja, reconhecendo que independente de ser homossexual ou não, todos os alunos são dignos do mesmo tratamento; os demais professores não definiram muito bem os seus comentários.

Todavia, encontramos nos PCN que:

[...] o trabalho de Orientação Sexual também implica o tratamento de questões que nem sempre estarão articuladas com as áreas do currículo seja porque são singulares e necessitam de tratamento específico, seja porque permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, emergindo e exigindo do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhá-las. (BRASIL, 1997, p. 308).

**Gráfico I:** A questão da homofobia deve ser tratada em todas as áreas e todas as disciplinas



#### **5.2.11 Se considera-se homo fóbico**

Essa pergunta foi articulada visando questionar os docentes no sentido de fazê-lo refletir acerca do seu próprio comportamento frente ao problema da homofobia, pois o objeto principal do trabalho é saber como o professor percebe essa situação nas atitudes do alunado, mas será que muitas vezes não acabamos demonstrando através de determinadas atitudes que também somos homofóbicos?

E do universo total de professores, 11,1% consideram-se e assumem serem preconceituosos, enquanto a maioria deles representada por 88,0% dizem que são totalmente anti-homofobias.

**Gráfico J:** Considera-se homofóbico

#### **5.2.12 Se a resposta anterior for positiva, em que nível**

De acordo com a pergunta anterior, que interrogava os professores no sentido de identificar se se assumiam ou não enquanto homofóbicos, dois deles se auto avaliam como tais e quando perguntados sobre o nível de homofobia de cada um, nível esse que estaria dividido em quatro opções, porém ambos concordam que estaria entre 4 e 6 na escala sugerida.

#### **5.2.13 Se há homofobia na escola, cite sugestões que possam ser trabalhadas no sentido de minimizar tal problema**

Essa pergunta foi pensada e estruturada de maneira a deixar os professores bastante à vontade para dar suas sugestões acerca de medidas que possam viabilizar um trabalho mais humanizado e na perspectiva de um tratamento a essa questão de forma que valorize-os direitos e a diversidade que compõem o espaço escolar.

Aqueles que percebem e declararam em suas respostas que existe homofobia na Escola, o que corresponde a aproximadamente 95% do total de professores entrevistados deram as seguintes sugestões: destaque para que a formação dos educadores inclua sempre

esse tema de maneira sistemática e contínua; palestras educativas com profissionais especializados; depoimentos de homossexuais sobre seus sentimentos quando ofendidos; trabalhos com vídeos, leituras debates; desenvolvimento de projetos interdisciplinar; trabalhos com a família.

## 6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões de alguns teóricos e estudiosos sobre a temática pesquisada e o que disseram os docentes que participaram da pesquisa, constatamos que o ambiente escolar ainda se apresenta repleto de preconceito contra gays, lésbicas, bissexuais, transexuais. De acordo com as respostas dos docentes aos questionários, conseguimos identificar que aproximadamente 95% dos docentes da escola analisada afirmam que os alunos que assumem uma orientação homossexual, sofrem alguma forma de discriminação, que se manifesta através de apelidos, insultos, comentários depreciativos, o que caracteriza o fenômeno da homofobia.

Nesse sentido, é válido ressaltar que apesar do que se tem pensado e debatido para que se efetivem no âmbito escolar discussões sobre relações de gênero e diversidade sexual, visando propiciar e garantir aqueles alunos que tem uma orientação sexual “homo”, um tratamento de igualdade e de respeito, muito ainda precisa ser feito, tendo em vista a discriminação, os maus tratos, e a exclusão que muitos alunos homossexuais ainda sofrem dentro de nossas escolas.

Percebemos a necessidade de romper paradigmas que se apresentam muito arraigados e internalizados na mente dos indivíduos e buscar a implementação de políticas que visem à desconstrução de comportamentos que colaboram com atitudes homofóbicas. O que demonstra o despreparo por parte de muitos dos profissionais da educação, por consequência de dois motivos: Primeiro muitos professores ainda demonstram estar presos aos seus próprios valores, não estando abertos à compreensão dos valores do “outro”; e segundo, esses educadores não contam com formações que visem aprofundar esse tema em suas formações acadêmicas.

Portanto, verificamos a urgência de trazer as discussões acerca dessa temática para a nossa prática pedagógica diária, afinal ela já está firmada em lei, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) deixam bem claro que essa temática, assim como outras citadas no mesmo documento são de extrema necessidade e urgência para que seja trabalhada em sala de aula, para que os espaços educativos venham realmente a se comprometerem com o respeito à diversidade, e que nesse espaço todos/as possam vir a ser reconhecidos/as como diferentes, mas que merecem respeito, afinal sabemos que nenhum indivíduo é igual ao outro, e sim que todos têm suas particularidades e apresentam habilidades, desejos, sentimentos, vontades, gostos que devem ser respeitados. Agindo assim a Escola estará contribuindo significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2003.
- ABRAMOVAY, Mirian. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**, Lisboa: Ed. 70, 2007.
- BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. Ministério da Educação. (2001). **Plano Nacional de Educação – PNE**. Brasília: Inep.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, educação sexual**. Brasília, DF:, 1997
- BRASIL. **Constituição do Brasil**. Brasília, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 1996.
- DINIS, Nelson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, nº 39, p. 39-50, Jan./Abr. 2011. Editora UFPR.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. *In:* JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 26-39.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8. ed. Petrópolis. Vozes, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Descolonizar o Currículo: estratégias para uma pedagogia crítica. *In:* COSTA, M. V. (Org.). **Escola Básica na Virada do Século: Cultura, Política e Currículo**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 61-72.